

# **FRAGMENTOS PÓSTUMOS DE FRIEDRICH NIETZSCHE, SELECIONADOS E TRADUZIDOS POR ALBERTO RAMOS: UMA EDIÇÃO CRONOLÓGICA, ANOTADA E REVISADA**

*Luís Rubira*

Universidade Federal de Pelotas

**Resumo:** Na primeira antologia brasileira da obra de Friedrich Nietzsche, a *Nietzschiana* (Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1949), existe um conjunto de textos agrupados sob os títulos “Vontade do Poder” (p. 208-221) e “Obras Póstumas I e II” (p. 222-229). Ao vertê-los para a língua portuguesa, o poeta, jornalista e tradutor Alberto Ramos baseou-se na edição de Alfred Baeumler (Friedrich Nietzsche. *Werke. Herausgegeben von Alfred Baeumler*. 8 Bänden. Leipzig: Kröner, [1930-1932]). Tais textos, na verdade, são alguns dos *Fragmentos póstumos* (*Nachgelassene Fragmente*), de Nietzsche, cuja tradução doravante reestabelecemos em ordem cronológica, anotada e revisada a partir da edição crítica de Colli e Montinari (Friedrich Nietzsche. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe. Herausgegeben von Giorgio Colli e Mazzino Montinari*. 15 Bänden. Berlin/Munique: Walter de Gruyter & Co., [1967-1978]).

**Palavras-chave:** Nietzsche, fragmentos póstumos, Alberto Ramos, tradução, edição anotada e revisada.

**Abstract:** In the first Brazilian anthology of Friedrich Nietzsche's work, the *Nietzschiana* (Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1949), there is a set of texts grouped under the titles “Will to Power” (p. 208-221) and “Posthumous Works I and II” (p. 222-229). When translating them into Portuguese, the poet, journalist and translator Alberto Ramos based himself on the edition by Alfred Baeumler (Friedrich Nietzsche. *Werke. Herausgegeben von Alfred Baeumler*. 8 Bänden. Leipzig: Kröner, [1930-1932]). These texts, in fact, are some of *Posthumous Fragments* (*Nachgelassene Fragmente*), by Nietzsche, whose translation is now reestablished in chronological order, annotated and revised from the critical edition by Colli and Montinari (Friedrich Nietzsche. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe. Herausgegeben von Giorgio Colli and Mazzino Montinari*. 15 Bänden. Berlin/Munich: Walter de Gruyter & Co., [1967-1978]).

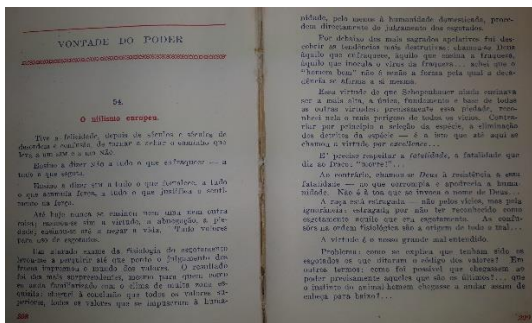
**Keywords:** Nietzsche, posthumous fragments, Alberto Ramos, translation, annotated and revised edition.

## **Nota liminar**

Na edição da *Nietzschiana: textos escolhidos na obra do autor de Zaratustra por Alberto Ramos* (Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1949), os “fragmentos póstumos” a seguir estavam agrupados sob os títulos “Vontade

do Poder” (p. 208-221) e “Obras Póstumas I e II” (p. 222-229). Tais textos foram traduzidos por Alberto Ramos a partir edição de Alfred Baeumler (Friedrich Nietzsche. *Werke. Herausgegeben von Alfred Baeumler*. 8 Bänden. Leipzig: Kröner, [1930-1932]. Na medida em que algumas décadas depois os textos de Nietzsche receberam uma Edição Crítica realizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari (Friedrich Nietzsche. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe. Herausgegeben von Giorgio Colli e Mazzino Montinari*. 15 Bänden. Berlin/Munich: Walter de Gruyter & Co., [1967-1978]), baseamo-nos nesta edição para reestabelecer, em ordem cronológica, os textos traduzidos por Alberto Ramos para a língua portuguesa. Tais textos, em seu conjunto, fazem parte dos *Nachgelassene Fragmente* [Fragmentos póstumos] – denominação que doravante colocamos entre colchetes para indicar que substituímos os títulos constantes na edição da *Nietzschiiana*, de 1949.<sup>1</sup>

Cabe mencionar que, mais de setenta anos após a publicação da tradução de Alberto Ramos (1871-1941), ao reestabelecermos a ordem cronológica dos textos colocamos um sinal de colchete, seguido de uma nota de rodapé, para indicar passagens que constam nas anotações de Nietzsche, mas que por razões históricas (anteriormente mencionadas) não constavam na edição da *Nietzschiiana*. De outra parte, também colocamos entre colchetes determinados trechos de alguns textos para indicar que estes não estavam presentes na edição da *Nietzschiiana*, mas que existem na KSA e na eKGWB. Por fim, cabe registrar que, a partir da edição de Colli e Montinari, revisamos em língua portuguesa a pontuação da tradução realizada por Alberto Ramos.



Fac-símile do capítulo “Vontade do Poder” na edição da *Nietzschiiana* (1949)

<sup>1</sup> Para uma maior compreensão desta primeira tradução brasileira de trechos do conjunto das obras de Nietzsche, de seu tradutor e do histórico de traduções das obras do filósofo em nosso idioma até o ano de 1949, ver: RUBIRA, L. “A primeira antologia brasileira da obra de Friedrich Nietzsche, organizada e traduzida pelo poeta Alberto Ramos”. In: *Dissertatio – Revista de Filosofia*, v. 54, p. 249-266, 2021.

[FRAGMENTOS PÓSTUMOS]<sup>2</sup>

[Outubro–Dezembro de 1876]<sup>3</sup>

19[52]<sup>4</sup>

Uma bela mulher – deixem falar os maldizentes! – tem qualquer causa comum com a verdade: uma e outra dá mais prazer quando desejada que quando possuída.

19[60]<sup>5</sup>

Os tratados entre Estados europeus hoje em dia valem exatamente enquanto dura o constrangimento que deu origem a esses ajustes. É uma situação, portanto, em que a força (no sentido físico) é que decide e impõe as consequências. Essas consequências são: os Estados grandes absorvem os pequenos, o Estado-monstro absorve por sua vez o Estado-grande – e finalmente o Estado-monstro acaba estourando porque lhe vem a faltar a cintura que o cercava: a hostilidade dos vizinhos. O esfacelamento dos grandes Estados numa porção de Estados minúsculos é ainda a perspectiva mais aparente no longínquo horizonte da política europeia. A luta no seio da sociedade perpetua o hábito da guerra.

---

<sup>2</sup> Cabe observar que ao selecionar os textos de Nietzsche para tradução, Alberto Ramos parecia seguir um fio-condutor. Exemplo disso é que o primeiro texto selecionado do capítulo “Vontade do Poder” tratava do tema do niilismo europeu. Ao reestabelecemos os “fragmentos póstumos” em ordem cronológica, anotada e revisada a partir da edição crítica de Colli e Montinari perde-se o fio-condutor. Mas o mesmo pode ser objeto de reflexão para o leitor a partir da cronologia dos textos na edição de 1949.

<sup>3</sup> A partir de agora, com base KSA e na eKGWB, indicaremos entre colchetes o período aproximado em que Nietzsche realizou suas anotações (fragmentos póstumos) de modo a situar cronologicamente o leitor, bem como para mostrar que algumas são da mesma época. Tal indicação também surgirá nas notas a seguir, sendo que nelas o algarismo que se segue à sigla KSA corresponde ao volume (das *Obras Completas* de Nietzsche), seguido do número do fragmento póstumo e de sua periodização (indicada em língua alemã). Já em relação à eKGWB, indicaremos apenas o ano e os algarismos correspondentes ao fragmento póstumo. Por fim, valemo-nos também de siglas para remeter o leitor aos textos traduzidos por Alberto Ramos na edição da *Nietzschiiana* em 1949 (N1949), seja os dispostos em “Vontade do poder” (VP), seja aqueles em “Obras Póstumas I e II” (OP I e II), seguidos do número da respectiva seção.

<sup>4</sup> KSA 8, 19[52] – Oktober–Dezember 1876; eKGWB/NF-1876, 19[52]; N1949, OP I e II, 871.

<sup>5</sup> KSA 8, 19[60] – Oktober–Dezember 1876; eKGWB/NF-1876, 19[60]; N1949, OP I e II, 1105.

[Primavera de 1880]

**3[19]**<sup>6</sup>

A novidade da nossa atitude de hoje em face da filosofia está nesta convicção que nenhuma época anterior possuiu, a saber: *que nós não temos a verdade*. Todos os homens antes de nós “tinham a verdade”: até os cétricos.

**3[107]**<sup>7</sup>

Quase por toda parte na terra onde existe ou existiu um templo, uma igreja, é que algum dia naquele sítio se operou um milagre; assim o cogumelo da arquitetura sagrada medrou e vingou por toda parte onde homens religiosos foram acometidos de uma pequena crise de loucura. Haverá notícia de algum monumento construído no sítio onde pela primeira vez uma grande verdade luziu para o homem? Provavelmente não; nem haveria motivo para tanto: porque uma verdade dessas quer ser criticada, não adorada.

[Outono de 1880]

**6[247]**<sup>8</sup>

Não se imagine que Platão se vivesse hoje e professasse ideias platônicas seria tido por *filósofo* – passaria, mas é por estar atacado de loucura religiosa.

[Inverno de 1880-1881]

**8[102]**<sup>9</sup>

Fogo no corpo, neve na cabeça e a boca cheia de emanções negras como o Etna – Savonarola.

[Outono de 1881]

**12[52]**<sup>10</sup>

Quando falo de Platão, Pascal, Spinoza e Goethe, sei que o sangue deles corre com o meu – quando falo deles sinto-me orgulhoso de dizer a verdade – a família é suficientemente boa para não haver necessidade de nada

---

<sup>6</sup> KSA 9, 3[19] – Frühjahr 1880; eKGWB/NF-1880, 3[19]; N1949, OP I e II, 582.

<sup>7</sup> KSA 9, 3[107] – Frühjahr 1880; eKGWB/NF-1880, 3[107]; N1949, OP I e II, 6.

<sup>8</sup> KSA 9, 6[247] – Herbst 1880; eKGWB/NF-1880, 6[247]; N1949, OP I e II, 585.

<sup>9</sup> KSA 9, 8[102] – Winter 1880-81; eKGWB/NF-1880, 8[102]; N1949, OP I e II, 904.

<sup>10</sup> KSA 9, 12[52] – Herbst 1881; eKGWB/NF-1881, 12[52]; N1949, OP I e II, 1117.

romancear nem escamotear: é a posição em que me coloco diante de toda a existência; sinto-me *orgulhoso de tudo o que é humano*, e orgulhoso precisamente na mais absoluta veracidade.

15[58]<sup>11</sup>

Nunca me passou pela mente que um escrito meu estivesse destinado a desaparecer no espaço de dois ou três anos, e que para ter algum sucesso havia de ser imediato. Sem nunca ter pensado no que se chama *glória* estive sempre convencido que os meus escritos durariam mais que eu. Quando me acontecia pensar em leitores sempre imaginei leitores isolados, disseminados nos séculos: não me pareço com o cantor que precisa da sala cheia para aveludar-lhe a voz, dar expressão ao olhar, eloquência ao gesto.

[Julho–Agosto de 1882]

1[109]<sup>12</sup>

*Uma disciplina do estilo.*

1.

O que sobretudo importa é a *vida*: o estilo há de *viver*.

2.

Há de adaptar-se exatamente àqueles a quem o autor se quer comunicar (lei da *dupla relação*).

3.

Primeiro que se tenha o direito de escrever é necessário que se saiba ao certo: “é desta ou daquela maneira que eu me exprimiria falando ou *declamando*”. – O escrever há de ser uma imitação.

4.

E como quem escreve não dispõe de muitos dos *meios* de expressão que servem ao que fala, há de tomar por modelo um gênero *muito expressivo* de discurso: a imitação desse discurso – o escrito – parecerá certamente muito mais pálida.

5.

A riqueza de vida manifesta-se pela *riqueza de gestos*. Extensão e brevidade da frase, pontuação, escolha do vocabulário, pausas, sequências dos argumentos – há que *aprender* o sentido de tudo isso como *gestos*.

6.

<sup>11</sup> KSA 9, 15[58] – Herbst 1881; eKGWB/NF-1881, 15[58]; N1949, OP I e II, 1115.

<sup>12</sup> KSA 10, 1[109] – Juli–August 1882; eKGWB/NF-1882, 1[109]; N1949, OP I e II, 509. No presente fragmento póstumo a numeração de 1 a 10 foi acrescentada a partir da KSA.

Muito cuidado com os períodos! Só tem direito ao período extenso quem falando tiver fôlego largo. Na maioria dos plúmicos a extensão do período é afetação.

7.

O estilo deve mostrar que o autor *acredita* nas suas ideias; e não só que as pensa, senão que as *sente*.

8.

Quanto mais abstrata for a verdade que se quiser ensinar tanto maior o cuidado que se deve ter de a insinuar primeiro no ânimo do leitor pelo caminho dos *sentidos*.

9.

A arte do bom prosador na escolha dos seus recursos consiste em *beirar de perto* a poesia sem *passar a fronteira*.

10.

Não é nem hábil nem amável privar o leitor do prazer das mais simples objeções. Em compensação é *muito hábil* e muito amável deixar-lhe o cuidado de *extrair por si mesmo* a quintessência da nossa sabedoria.

[...] <sup>13</sup>

[Novembro de 1882–Fevereiro de 1883]

**4[13]** <sup>14</sup>

[...] <sup>15</sup>

Minha qualidade dominante é o domínio e a vitória sobre mim mesmo. Mas também é a de que mais preciso – ando constantemente beirando o abismo.

[...] <sup>16</sup>

**5[1]145** <sup>17</sup>

Fazeis a guerra? Temeis o vizinho? Pois deitai-me abaixo esses marcos divisórios – e não haverá mais vizinhos. Mas é que vós quereis a guerra: por isso fincais estacas na fronteira.

---

<sup>13</sup> Na KSA este fragmento póstumo é concluído com uma dedicatória a Lou Salomé.

<sup>14</sup> KSA 10, 4[13] – November 1882–Februar 1883; eKGWB/NF-1882, 4[13]; N1949, OP I e II, 1136.

<sup>15</sup> Na KSA existem dois parágrafos antes do início do texto traduzido por Alberto Ramos.

<sup>16</sup> Na KSA existem dois parágrafos antes da conclusão deste fragmento póstumo.

<sup>17</sup> KSA 10, 5[1]145 – November 1882–Februar 1883; eKGWB/NF-1882, 5[1]145; N1949, OP I e II, 578. Uma elaboração prévia deste fragmento póstumo pode ser encontrada em: KSA 10, 4[79] – November 1882–Februar 1883; eKGWB/NF-1882, 4[79].

[Primavera de 1884]

**25[335]**<sup>18</sup>

O grande homem tem consciência do *poder* que exerce sobre um povo, da convivência de um povo ou de um milenar: esta *amplificação* do sentimento de si mesmo como *causa* e *voluntas* é *erroneamente* tomada por “altruísmo” –

– Ele precisa de *meios* de comunicar-se: todo grande homem sabe *improvisar* esses *meios*. Quer imprimir a sua própria forma nas grandes coletividades, reduzir a uma forma única o informe e multiforme; arde por ver o caos.

– Mal-entendidos do amor. Há uma espécie de amor *servil*, que se submete e se abandona: que idealiza e se ilude, – e há o amor *sublime*, que despreza e ama, e que *transfigura* e *eleva* o amado. –

– Alcançar essa portentosa *energia da grandeza* para chegar, pela seleção de um lado, e de outro lado pelo aniquilamento de milhões de seres malogrados, a modelar o homem futuro, e *não sucumbir* a esse sofrimento que se *criou*, e como não houve nunca outro igual! –

[...]<sup>19</sup>**25[338]**<sup>20</sup>

Conta-se do célebre fundador do cristianismo que declarou perante Pilatos: “Eu sou a verdade”. A resposta que lhe deu o Romano é verdadeiramente digna de Roma: como a maior urbanidade de todos os tempos.

[Verão–Outono de 1884]

**26[282]**<sup>21</sup>

Segundo um povo que pensa que: “ao pequeno número cabe o direito, a inteligência, o dom de comando, etc.” ou que “ao grande número” – tem-se um regime *oligárquico* ou um regime *democrático*.

A *monarquia* representa a crença num homem absolutamente superior, no chefe, no salvador, nos semideuses. A *aristocracia* a crença numa humanidade de escol, numa casta superior. A *democracia* representa a

<sup>18</sup> KSA 10, 25[335] – Frühjahr 1884; eKGWB/NF-1884, 25[335]; N1949, VP, 964.

<sup>19</sup> Na KSA existem dois parágrafos antes da conclusão deste fragmento póstumo.

<sup>20</sup> KSA 10, 25[338] – Frühjahr 1884; eKGWB/NF-1884, 25[338]; N1949, OP I e II, 970.

<sup>21</sup> KSA 10, 26[282] – Sommer–Herbst 1884; eKGWB/NF-1884, 26[282]; N1949, VP, 752.

*incredulidade* em grandes homens ou numa sociedade: “todo mundo igual a todo mundo”. “Afinal não passamos de gado vil e plebe egoísta”.

[Outono de 1884—Início de 1885]

**30[5]**<sup>22</sup>

Nem sempre é lícito culpar uma época por ter desconhecido um grande espírito e por não ter tido olhos para o astro mais surpreendente surgido na escuridão da sua própria noite. Quem sabe se não é o destino desse astro alumiar outros mundos muito mais distantes; quem sabe até se não seria um perigo que ele viesse a ser conhecido cedo demais – poderia então suceder que a época fosse desviada da *sua* tarefa e prejudicasse com isso por sua vez a época subsequente: com o transmitir-lhe uma obra que já devia estar acabada e que talvez seja menos proporcionada às forças dessa época do futuro.

[Abril—Junho de 1885]

**34[88]**<sup>23</sup>

As almas de legisladores e tiranos, capazes de determinar, fixar um conceito, indivíduos dotados de tamanha energia espiritual que têm o poder de cristalizar e quase eternizar o que de mais fluido há no mundo, o espírito: tais são os homens supremamente destinados ao mando. Dizem: “Quero que se veja isto ou aquilo! Quero que se veja precisamente desta maneira! *Quero-o para tal fim e unicamente para tal fim!*”. Essa raça de legisladores é a que necessariamente tem exercido em todas as épocas influência decisiva; a eles se devem todas as formas características da humanidade; são os escultores da humanidade; ao lado deles, os outros (o grande número) são *argila* e nada mais.

**34[96]**<sup>24</sup>

Um grande homem, um homem que a natureza concebeu e plasmou em molde grandioso, que espécie de homem será? *Primeiro*: esse homem tem no complexo dos seus atos uma lógica extensa, que pela sua extensão mesma se torna difícil de apreciar em conjunto, e portanto enganadora; uma capacidade de projetar a sua vontade por largos períodos da sua própria existência e de rejeitar e desprezar tudo o que for acessório, ainda que houvesse de permeio as coisas mais tentadoras, as mais “divinas” do mundo.

---

<sup>22</sup> KSA 11, 30[5] – Herbst 1884–Anfang 1885; eKGWB/NF-1884, 30[5]; N1949, OP I e II, 1113.

<sup>23</sup> KSA 11, 34[88] – April–Juni 1885; eKGWB/NF-1885, 34[88]; N1949, VP, 228.

<sup>24</sup> KSA 11, 34[96] – April–Juni 1885; eKGWB/NF-1885, 34[96]; N1949, VP, 962.



*Segundo*: é mais *frio*, *mais duro*, *mais decidido*, e *destemeroso da “opinião”*; nota-se nele a ausência de virtudes atinentes ao “respeito” e à consideração e em geral de tudo quanto se relacione com a “virtude do rebanho”. Não podendo ser ele o que *comanda*, prefere andar só; nesse caso pode bem dar-se que resmungue às vezes contra muitas coisas que topa no caminho. *Terceiro*: não quer saber de corações “compassivos”; o que ele quer é servidores, instrumentos; no trato com os homens tem a preocupação constante de *fazer* deles alguma coisa. Sabe que é impenetrável: familiaridade e confiança parecem-lhe de mau gosto; assim que não costuma fazer confidências, ainda que possa parecer o contrário. Quando não fala consigo mesmo, afivela a máscara; prefere mentir a dizer a verdade: o que requer muito mais espírito e maior dose de força de *vontade*. Há nele uma solidão inacessível ao louvor como à censura, uma jurisdição própria, que não reconhece instância superior.

[Agosto–Setembro de 1885]

40[23]<sup>25</sup>

Sejamos mais prudentes que Descartes, que se deixou apanhar no laço das palavras. Sem dúvida, *cogito* não passa de uma palavra: mas que tem um sentido complexo (há muitas coisas complexas a que nos atiramos brutalmente supondo de boa-fé que sejam coisas simples). Nesse famoso *cogito* há: 1) alguma coisa pensa; 2) creio que esse “alguma coisa” que pensa sou eu; 3) mas suposto que este segundo ponto é incerto, por ser matéria de crença, também no primeiro, naquele “alguma coisa pensa”, se contém ainda uma crença: a crença que “pensar” seja uma atividade que requer um sujeito, mesmo que não fosse senão “alguma coisa”: – e mais não significa o *ergo sum!* Mas tanto pode a fé na gramática: imaginamos “coisas” e suas “atividades” e já lá vamos longe da certeza imediata! Façamos portanto abstração desse problemático “alguma coisa” e digamos *cogitatur*, como simples estado de fato sem o enxerto de artigos de fé: ainda desta vez andaremos enganados, porque mesmo na forma passiva se contém artigos de fé e não apenas “fatos”: em suma, é precisamente o “fato” que não se consegue formular em toda a sua nudez; há sempre uma opinião e uma “crença” no *cogito* como no *cogitat* e *cogitatur*: que é que nos afiança que com o “ergo” não venha um pouco dessa crença e dessa opinião e que afinal não subsiste senão isto: “algo é crido, logo algo é crido” – círculo vicioso! E depois sempre seria preciso saber o que seja “ser” para poder extrair um *sum* do *cogito*; seria também preciso que já se

<sup>25</sup> KSA 11, 40[23] – August–September 1885; eKGWB/NF-1885, 40[23]; N1949, OP I e II, 176.

soubesse o que seja *saber*: parte-se da crença na lógica – primeiro que tudo no *ergo!* – e não da simples posição de um fato! – Haverá uma “certeza” no saber? Não será talvez a certeza imediata uma *contradictio in adjecto*? Que é o conhecimento relativamente ao ser? Ora, para quem puder responder a todas estas perguntas com uma crença formada e assente, a prudência cartesiana já não tem nenhum sentido: chega tarde demais. Antes do problema do “ser” seria preciso ter resolvido o do valor da lógica.

[Outono de 1885–Outono de 1886]

2[79]<sup>26</sup>

Os meus escritos estão muito bem defendidos: quem se atirar a eles sem que tenha o direito de ler livros dessa espécie, cai imediatamente no ridículo; um pequeno acesso de cólera faz-lhe despejar para ali tudo o que tiver de mais ridículo no fundo do saco: e sabe lá o que não salta fora num despejo desses! [...] <sup>27</sup>

Incapacidade de reconhecer o novo e o original; dedos grosseiros que não sabem apanhar uma nuance; gravidade empertigada que tropeça num vocábulo e dá com o nariz no chão; miopia que toca as raiais da cegueira diante de um mundo imenso de longínquas paisagens.

Algum dia me queixei do meu destino, ser tão pouco lido, tão mal compreendido? Mas afinal quantos serão os que mereçam que se crie para eles alguma coisa extraordinária! – Imaginais acaso que Deus tenha criado os homens por amor dos homens?

2[180]<sup>28</sup>

[...] <sup>29</sup>

Há muitas coisas contra as quais achei desnecessário pronunciar-me: já se deixa ver que o “literato” me repugna, que todos os partidos políticos de hoje me repugnam; que o sentimento que me inspira o socialista não é apenas comiseração. As duas formas mais nobres de humanidade que deparei na vida foram o perfeito cristão – orgulho-me de descender de uma família que em todos os sentidos tomou muito a sério o cristianismo – e o perfeito artista do ideal romântico, que achei aliás muito inferior ao nível cristão: é claro que depois de dar as costas a *essas* duas formas por insuficientes, não será fácil

---

<sup>26</sup> KSA 12, 2[79] – Herbst 1885–Herbst 1886; eKGWB/NF-1885, 2[79]; N1949, OP I e II, 1257.

<sup>27</sup> Na KSA existe um trecho antes da conclusão deste parágrafo.

<sup>28</sup> KSA 12, 2[180] – Herbst 1885–Herbst 1886; eKGWB/NF-1885, 2[180]; N1949, OP I e II, 1255.

<sup>29</sup> Na KSA existe um parágrafo antes do início do texto traduzido por Alberto Ramos.

encontrar outro tipo humano contemporâneo que satisfaça. Por isso estou condenado à solidão, embora imagine perfeitamente uma espécie de homens cuja sociedade seria do meu gosto. [...] <sup>30</sup>

[Início de 1886—Primavera de 1886]

4[6] <sup>31</sup>

No casamento, no sentido *burguês* da palavra, no sentido mais estimável *bem entendido* da palavra “casamento”, não se trata absolutamente de amor e tampouco se trata de dinheiro – uma instituição não se funda no amor –: trata-se da autorização social outorgada a duas pessoas que desejam satisfazer mutuamente os seus instintos sexuais sob certas condições que, já se deixa ver, consultem o *interesse da sociedade*. É evidente que um contrato dessa natureza pressupõe da parte dos interessados simpatia recíproca, grande dose de boa vontade – vontade de ser paciente, tolerante, carinhoso um para com o outro; mas seria bom não abusar neste caso da palavra amor! Para duas pessoas que se amam no sentido integral e absoluto da palavra a satisfação do desejo sexual nada tem de essencial; é mais propriamente um símbolo: de um lado símbolo de absoluta submissão, do outro lado símbolo de aceitação e sinal de posse. – No casamento, segundo o velho sentido tradicional e aristocrático da palavra, tratava-se da *seleção* de uma raça (mas haverá ainda uma nobreza? *Quaeritur*), – por conseguinte da conservação de um tipo fixo e definido de homens superiores: a esse ponto de vista se sacrificavam marido e mulher. Já se deixa ver que neste caso o amor *não* era exigência principal, antes pelo contrário! Nem mesmo aquela dose de boa vontade recíproca, que é condição do casamento burguês. O que decidia era em primeiro lugar o interesse da raça e, acima deste, o da classe. A frieza, a severidade, a lucidez de tão elevada noção de casamento que predominou em todas as aristocracias robustas e sadias, na antiga Atenas como na Europa do século XVIII, não deixaria de causar-nos certos calafrios, a nós animais de sangue quente e coração buliçoso, a nós “modernos”! Mas é por isso mesmo que o amor-paixão, no sentido grandioso da palavra, foi *inventado* para o mundo aristocrático e no mundo aristocrático – precisamente onde o constrangimento e a abstinência eram mais severos...

<sup>30</sup> Na KSA existe um trecho antes da conclusão deste parágrafo.

<sup>31</sup> KSA 12, 4[6] – Anfang 1886–Frühjahr 1886; eKGWB/NF-1886, 4[6]; N1949, VP, 732.

[Fim de 1886–Primavera de 1887]

7[70]<sup>32</sup>

É um consolo para mim o saber que acima da fumarada e da imundície das cloacas humanas existe *uma humanidade mais alta, mais luminosa*, sem dúvida numericamente exígua – porque todo o proeminente é raro por essência –: dela se faz parte, não porque se seja mais prendado, ou mais virtuoso, ou mais heroico, ou mais amável que os da escória social, mas porque se é mais *frio*, mais *claro*, mais *lúcido*, mais solitário; porque se ama, se deseja, se busca a solidão como uma felicidade, como um privilégio, como a condição mesma da existência; porque se vive entre nuvens e relâmpagos, como entre iguais, mas também debaixo dos raios de sol, das gotas de orvalho, dos flocos de neve, tudo o que necessariamente vem de cima e, quando se desloca, há de ser eternamente *de cima para baixo*. As aspirações *para* as alturas não são as nossas. – Os heróis, mártires, gênios e inspirados não nos parecem bastante calmos, pacientes, finos, frios, demorados, ponderados.

[Outono de 1887]

10[109]<sup>33</sup>

É preciso defender a virtude contra os pregadores de virtude: são os seus piores inimigos. Porque ensinam a virtude como sendo um ideal *para todos*; tiram-lhe a singularidade e o encanto do raro, do inimitável, excepcional e extraordinário – o seu *prestígio aristocrático*. É preciso também cerrar fileiras contra esses idealistas incorrigíveis que vivem dando pancadinhas em todos os potes e não cabem em si de contentes quando soa oco: quanta ingenuidade em *exigir* coisas grandes e raras e ao mesmo tempo afirmar com indignação e desprezo pela humanidade a ausência dessas coisas! – É evidente, por exemplo, que um *casamento* vale o que valem os cônjuges, isto é, que na maioria dos casos será qualquer coisa de deplorável e indecoroso: não há padre nem pretor capaz de lhe dar remédio.

A *virtude* tem contra si todos os instintos do homem medíocre: é bisonha, mal ajambrada, isolante; aparenta-se com a paixão e é pouco acessível à razão; perverte o caráter, o cérebro, o entendimento – tudo isto a juízo da mediocridade; faz de nós uns inimigos da ordem, da *mentira* que se oculta debaixo de toda ordem, de toda instituição, de toda realidade; – é o *piores dos vícios* a julgar pela influência nociva que exerce sobre os *outros*.

---

<sup>32</sup> KSA 12, 7[70] – Ende 1886–Frühjahr 1887; eKGWB/NF-1886, 7[70]; N1949, VP, 993.

<sup>33</sup> KSA 13, 10[109] – Herbst 1887; eKGWB/NF-1887, 10[109]; N1949, VP, 317.

– Reconheço a virtude nisto: 1) que não faz questão de ser reconhecida; 2) que não pressupõe virtude em tudo e em toda parte, mas justamente coisa muito diversa; 3) que *não sofre* com a falta de virtude, antes vê nisso a relação de distância que faz com que se respeite um pouco mais a virtude; não se comunica; 4) que não faz propaganda...; 5) que não admite que ninguém se arvore em juiz, porquanto é sempre uma virtude *para si mesma*; 6) que faz comumente tudo o que costuma ser *proibido*: a virtude, como a entendo, é o verdadeiro *vetitum* no seio de todas as legislações gregárias; 7) que é uma virtude no estilo da Renascença, *virtù*, isto é, virtude sem *moralina*...

[Novembro de 1887–Março de 1888]

11[48]<sup>34</sup>

Todo grande homem é necessariamente um cético (o que não quer dizer que deva parecer tal), suposto que a grandeza esta nisto: *querer* grandes coisas e meios de realizá-las. A independência de toda espécie de convicções é condição da *força de vontade dele*. É o clima propício desse “despotismo esclarecido” que toda grande paixão exerce. Uma paixão dessas senhoreia o intelecto; tem a audácia do sacrilégio, remove e elimina escrúpulos; permite-se convicções e até se *serve* delas, mas sem se submeter a elas. A necessidade de uma crença, de um *sim* ou *não* absolutos, é prova da fraqueza. Toda fraqueza é uma fraqueza de vontade. O homem da fé, o crente, é necessariamente homem de espécie subalterna. Daí resulta que “a independência de espírito”, isto é, a incredulidade instintiva, é condição de grandeza.

11[152]<sup>35</sup>

O meu “futuro”

Rigorosa cultura politécnica.

Serviço militar: de maneira que em média todo indivíduo que pertence às classes superiores terá de ser oficial, seja qual for a profissão que exercer.

<sup>34</sup> KSA 13, 11[48] – November 1887–März 1888; eKGWB/NF-1887, 11[48]; N1949, VP, 963. No caso deste fragmento póstumo, a tradução de Alberto Ramos corresponde exatamente ao texto em alemão constante na seção 963 da edição da *Vontade de Potência* que ele possuía. O texto na KSA, no entanto, foi revisto e ampliado.

<sup>35</sup> KSA 13, 11[152] – November 1887–März 1888; eKGWB/NF-1887, 11[152]; N1949, VP, 793.

### 11[275]<sup>36</sup>

Um Deus morto pelos nossos pecados; a redenção pela fé; a ressurreição depois da morte – outras tantas adulterações do cristianismo autêntico pelas quais se deve responsabilizar aquele nefasto cabeçudo-mor [...]»<sup>37</sup>.

A *vida exemplar* consiste no amor e na humildade; na abundância de coração que não é recusada nem ao mais humilde; na renúncia formal à reivindicação do direito de defesa, à vitória no sentido de triunfo pessoal; na fé na bem-aventurança aqui na terra, apesar da miséria, da adversidade e da morte; na conciliação, na ausência de cólera, de desdém; em não querer ser recompensado, em não se obrigar a ninguém; na absoluta independência espiritual e eclesástica; uma vida muito ativa que preferiu ser uma vida de pobreza e de trabalho.

Depois de ter-se deixado despojar de *toda a prática cristã* e de ter sancionado a vida no Estado, precisamente o gênero de vida que Jesus tinha combatido e condenado, a igreja tratou de pôr em outro objeto o *sentido* do cristianismo: na *crença* em coisas inacreditáveis, no cerimonial das rezas, adorações, funções, etc. A noção “pecado”, “perdão”, “castigo”, “recompensa” – tudo o que era absolutamente insignificante e quase *inexistente* no cristianismo primitivo – passa agora a ocupar o primeiro plano.

Horrível mistifório de filosofia grega e judaísmo; o ascetismo; um perpétuo julgar e condenar; hierarquia; – – –<sup>38</sup>

### 11[279]<sup>39</sup>

Jesus opõe à vida vulgar uma vida verdadeira, uma vida segundo a verdade: nada está mais longe dele que o grosseiro absurdo de uma “eternidade de Pedro”, de uma sobrevivência pessoal eterna. O que ele condena é a excessiva importância da “pessoa”: como há de querer eternizar precisamente *aquilo* que condena?

Condena também a hierarquia no seio da comunidade: não promete uma parte de recompensa em proporção da obra realizada: como teria podido cogitar de castigo ou recompensa no outro mundo!

---

<sup>36</sup> KSA 13, 11[275] – November 1887–März 1888; eKGWB/NF-1887, 11[275]; N1949, VP, 169.

<sup>37</sup> Na edição da *Vontade de potência* utilizada por Alberto Ramos a seção 169 continha o nome Paulus. Nós o suprimimos por não constar na KSA.

<sup>38</sup> Nos *Fragmentos Póstumos* da KSA estes três sinais de travessão foram acrescentados pelos editores para indicar uma “frase incompleta” no manuscrito original de Nietzsche.

<sup>39</sup> KSA 13, 11[279] – November 1887–März 1888; eKGWB/NF-1887, 11[279]; N1949, VP, 166.

11[360]<sup>40</sup>

[...] <sup>41</sup> não resistir por atos nem por pensamentos aos que nos fazem mal.

Não admitir nenhuma razão para repudiar a mulher. [...] <sup>42</sup>

Não fazer diferença entre o indígena e o alienígena, entre o estrangeiro e o compatriota.

Não se irritar contra ninguém, não desprezar a ninguém. Dar esmolas às escondidas. – Não procurar enriquecer. –

Não jurar – não julgar. – Reconciliar-se, perdoar. – Não fazer orações em público –.

[...] <sup>43</sup>

A “bem-aventurança” não é uma promessa futura, está no presente, com a condição de viver e proceder desta ou daquela maneira.

[...] <sup>44</sup>

11[365]<sup>45</sup>

[...] <sup>46</sup>

O cristianismo é ainda possível a todo momento... Ele não está ligado a nenhum dos impudentes dogmas que se enfeitaram com o nome dele. Não precisa do *Deus pessoal* nem do *pecado*, nem da *imortalidade*, nem da *redenção*, nem da *fé*; não precisa absolutamente de nenhuma metafísica, ainda menos de ascetismo, muito menos de nenhuma “ciência natural” cristã. <sup>47</sup>

Aquele que disser hoje: “Não quero ser soldado”, “não quero saber de tribunais”, “não recorro aos serviços da polícia”, “nada farei que possa perturbar a minha paz interior: e ainda mesmo que tivesse de sofrer com isso nada melhor para conservar a minha paz, que sofrer” – esse será um cristão...

[...] <sup>48</sup>

---

<sup>40</sup> KSA 13, 11[360] – November 1887–März 1888; eKGWB/NF-1887, 11[360]; N1949, VP, 163.

<sup>41</sup> Na edição da *Vontade de potência* utilizada por Alberto Ramos a seção 163 continha a expressão “*Jesus gebietet*” (Manda Jesus). Nós a suprimimos por não constar na KSA.

<sup>42</sup> Na KSA existe um trecho antes da conclusão deste parágrafo.

<sup>43</sup> Na KSA existe um parágrafo antes da sequência do texto traduzido por Alberto Ramos.

<sup>44</sup> Na KSA existem oito parágrafos antes da conclusão deste fragmento póstumo.

<sup>45</sup> KSA 13, 11[365] – November 1887–März 1888; eKGWB/NF-1887, 11[365]; N1949, VP, 212.

<sup>46</sup> Na KSA existem oito parágrafos antes do início do texto traduzido por Alberto Ramos.

<sup>47</sup> Na edição de 1949 este parágrafo continuava com o seguinte trecho traduzido por Alberto Ramos (com base em sua edição da *Vontade de potência*, seção 212): “O cristianismo é uma prática, não é uma doutrina. Ele nos ensina como devemos proceder e não aquilo em que devemos crer”. Nós o suprimimos por não constar na KSA.

<sup>48</sup> Na KSA existem três parágrafos antes da conclusão deste fragmento póstumo.

[Primavera de 1888]

15[13]<sup>49</sup>

Tive a felicidade, depois de séculos e séculos de desordem e confusão, de tornar a achar o caminho que leva a um Sim e a um Não.

Ensino a dizer Não a tudo o que enfraquece – a tudo o que esgota.

Ensino a dizer Sim a tudo o que fortalece, a tudo o que acumula força, a tudo o que justifica o sentimento da força. – – –<sup>50</sup>

Até hoje nunca se ensinou nem uma nem outra coisa: ensinou-se sim a virtude, a abnegação, a piedade; ensinou-se até a negar a vida... Tudo valores para uso de esgotados.

Um apurado exame de fisiologia do esgotamento levou-me a perquirir até que ponto o julgamento dos fracos impregnou o mundo dos valores.

O resultado foi dos mais surpreendentes, mesmo para quem como eu anda familiarizado com o clima de muita zona esquisita: cheguei à conclusão que todos os valores superiores, todos os valores que se impuseram à humanidade, pelo menos à humanidade domesticada, procedem diretamente do julgamento dos esgotados.

[...]<sup>51</sup>

Por debaixo dos mais sagrados apelativos fui descobrir as tendências mais destrutivas: chamou-se Deus àquilo que enfraquece, àquilo que ensina a fraqueza, àquilo que inocula o vírus da fraqueza... achei que o “homem bom” não é senão a forma pela qual a *decadência* se afirma a si mesma.

Essa virtude que Schopenhauer ainda ensinava ser a mais alta, a única, fundamento e base de todas as outras virtudes: precisamente essa piedade, reconheci nela o mais perigoso de todos os vícios. Contrariar por princípios a seleção da espécie, a eliminação dos detritos da espécie – é a isto que até aqui se chamou a virtude *par excellence*...

A raça está estragada – não pelos vícios, mas pela ignorância: estragada por não ter reconhecido como esgotamento aquilo que era esgotamento. As confusões na ordem fisiológica são a origem de todo o mal...

[...]<sup>52</sup>

---

<sup>49</sup> KSA 13, 15[13] – Frühjahr 1888; eKGWB/NF-1888, 15[13]; N1949, VP, 54. Na edição de 1949 tratava-se da seção 54 de “A vontade do Poder”, sendo que Alberto Ramos a traduziu em sua íntegra. Na KSA o texto foi ampliado e também recebeu nova ordenação entre seus parágrafos. De modo a aproveitar os trechos traduzidos por Alberto Ramos, reordenamos sua tradução a partir da KSA.

<sup>50</sup> Nos *Fragmentos Póstumos* da KSA estes três sinais de travessão foram acrescentados pelos editores para indicar uma “frase incompleta” no manuscrito original de Nietzsche.

<sup>51</sup> Na KSA existe um parágrafo antes da sequência do texto traduzido por Alberto Ramos.

<sup>52</sup> Na KSA existe um trecho antes da conclusão deste parágrafo.



A virtude é o nosso grande mal-entendido.

Problema: como se explica que tenham sido os esgotados os que ditaram o código dos valores?

Em outros termos: como foi possível que chegassem ao poder precisamente aqueles que são os últimos?... que o instinto do animal-homem chegasse a andar assim de cabeça para baixo?...

[...] <sup>53</sup>

É preciso respeitar a *fatalidade*: a fatalidade que diz ao fraco: *morre*...

Ao contrário, chamou-se de *Deus* à resistência a essa fatalidade – ao que corrompia e apodrecia a humanidade... Não é à toa que se invoca o nome de Deus...

[...] <sup>54</sup>

### 15[98] <sup>55</sup>

Um bravo rapazola responderá com uma piscadela irônica a quem lhe perguntar: “Queres aprender a ser virtuoso?”. Mas arregalará os olhos se lhe for perguntado: Queres ser mais forte que os teus camaradas?

Como tornar-se mais forte?

Decidir-se sem pressa; mas perseverar no que se tiver decidido. O resto virá de si.

*Impulsivos e volúveis*: são as duas espécies de fraqueza. Não se confundir com os fracos; guardar as distâncias – a tempo!

Cuidado com os bonachões! O trato com eles enerva.

Todo trato é bom em que se exercitem as forças defensivas e as armas que temos nos instintos.

Todo poder inventivo é pouco para multiplicar as ocasiões de pôr à prova a energia e a força de vontade... *Nisto* é que está o que distingue, *não* no saber, na perspicácia, no espírito...

Cedo aprender a mandar – como a obedecer.

Aprender a modéstia, o *tato* na prática da modéstia: seja uma deferência, uma honra para aqueles com quem se é modesto...

O mesmo no tocante à confiança – seja uma deferência, uma honra...

[...] <sup>56</sup>

---

<sup>53</sup> Na KSA existem quatro parágrafos antes da sequência do texto traduzido por Alberto Ramos.

<sup>54</sup> Na KSA existem sete parágrafos antes da conclusão deste fragmento póstumo.

<sup>55</sup> KSA 13, 15[98] – Frühjahr 1888; eKGWB/NF-1888, 15[98]; N1949, VP, 918.

<sup>56</sup> Na KSA existe um parágrafo antes da conclusão deste fragmento póstumo.

[Primavera–Verão de 1888]

**16[35]**<sup>57</sup>

*Para o futuro do casamento:*

*Agravação de impostos* (por exemplo sobre a herança) e aumento progressivo do serviço militar para os celibatários a partir de certa idade;

*Vantagens* de toda espécie aos pais de numerosa prole do sexo masculino: eventualmente, voto plural;

*Atestado médico* pré-nupcial firmado por autoridades comunais contendo as respostas de médicos e nubentes a certos quesitos precisos (“antecedentes familiares” –

Como antídoto ou corretivo da *prostituição*: casamentos provisórios legalizados (por meses ou anos), com garantias para os filhos;

Todos os casamentos terão a aprovação e a responsabilidade de certo número de mandatários da comunidade como sendo assunto de interesse coletivo: e sujeito à jurisdição comum.

**16[54]**<sup>58</sup>

O erro é o luxo mais oneroso que se possa permitir alguém; e quando se trata de um erro fisiológico o perigo é mortal. Assim que os erros que mais caro custaram à humanidade têm sido as suas “verdades”: porque foram todas erros *in physiologicis*...

**16[87]**<sup>59</sup>

É preciso não confundir o cristianismo [...] <sup>60</sup> com aquela raiz única em que esse nome faz pensar: as *outras* raízes de que ele se originou foram incomparavelmente mais pujantes. Foi por um abuso sem precedentes que essas formas decadentes e essas deformações chamadas “igreja cristã”, “fé cristã” e “vida cristã” se enfeitaram com aquele santo nome. Que foi que Cristo *negou*? – Simplesmente tudo o que usa agora o nome de cristão.

---

<sup>57</sup> KSA 13, 16[35] – Frühjahr–Sommer 1888; eKGWB/NF-1888, 16[35]; N1949, VP, 733.

<sup>58</sup> KSA 13, 16[54] – Frühjahr–Sommer 1888; eKGWB/NF-1888, 16[54]; N1949, VP, 454.

<sup>59</sup> KSA 13, 16[87] – Frühjahr–Sommer 1888; eKGWB/NF-1888, 16[87]; N1949, VP, 158.

<sup>60</sup> Na edição da *Vontade de potência* utilizada por Alberto Ramos a seção 158 continha a expressão “*historische Realität*” (realidade histórica). Nós a suprimimos por não constar na KSA.

## Referências

NIETZSCHE, F. *Werke*. Herausgegeben von Alfred Baeumler. 8 Bänden. Leipzig: Kröner, [1930-1932].

\_\_\_\_\_. *Nietzschiana: textos escolhidos na obra do autor de Zaratustra por Alberto Ramos*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1949.

\_\_\_\_\_. *Sämtliche Werke*. Kritische Studienausgabe. Herausgegeben von Giorgio Colli e Mazzino Montinari. 15 Bänden. Berlin/Munique: Walter de Gruyter & Co., [1967-1978]).

\_\_\_\_\_. *Digitale Kritische Gesamtausgabe Werke und Briefe (eKGWB)*. Herausgegeben von Paolo D'Iorio. Disponível em: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB>

RUBIRA, L. “A primeira antologia brasileira da obra de Friedrich Nietzsche, organizada e traduzida pelo poeta Alberto Ramos”. In: *Dissertatio – Revista de Filosofia*, v. 54, p. 249-266, 2021.

Email: [luisrubira.filosofia@gmail.com](mailto:luisrubira.filosofia@gmail.com)

Recebido: 01/2026

Aprovado: 01/2026